magazinephilos

nº 53
MARÇO / MARCH
2015

ANO / YEAR XIV

EDIÇÃO BILINGUE BILINGUAL EDITION

WWW.PHILOS.PT

Questões da qualidade — Quality issues
Crónica de Carlos Castilho Pais — Chronicle by Carlos Castilho Pais
Passatempo — For fun
Tradumática — Tradumatics
Album de Fotografias — Photo Album
Impressões de viagem — Travel musings

ISSN 2182-1550

© philos - comunicação global, lda 2009

3
Contra a Corrente ❁ Against the Current
Balanço 2014
2014 overview

4
Questões da Qualidade ❁ Quality Issues
Aos encontrões... / A bumpy ride...

5
"... da Ocidental praia lusitana" ❁ "... from the Western lusitanian shore"
Coimbra

6
Em português ❁ In Portuguese
Crónica de Carlos Castilho Pais / Chronicle by Carlos Castilho Pais

7
Gosta de flores? ❁ Are you a flower fan?

8
Passatempo ❁ For Fun !!!!!!

9
Crónica das Leiras ❁ *Leiras'* farm chronicle
Cenas de Caça? / Hunting Scenes?

10
An Englishman in Lisbon ❁ Um inglês em Lisboa

11
Biblioteca ❁ Library
(Re)leituras :: (Re)reading
Poemas de Vida :: Lifetime Poems

12
Derivações de um Guarda-Livros ❁ Musings from a Bookworm
Não poupemos no latim...
Spare no Latin...

13
Tradumática ❁ Tradumatics
Skype, chega de publicidade! / Skype, enough of advertising!

14
Álbum de Fotografias ❁ Photo Album

20
Artes ❁ Arts

21
Impressões de Viagem ❁ Travel Musings
Miami - Parte II: luz e sombra
Miami - Part II: light and darkness

1 & 3 - Coimbra; 2, 4 & 5 - Miami

Balanço 2014
2014 overview

A **philos** registou, em 2014, um saldo positivo no Balanço da sua atividade, excedendo mesmo amplamente as expectativas orçamentadas.
Não, certamente, por acaso. Recordemos que – quando, hoje em dia, tanto se fala da necessidade de internacionalização das empresas – a **philos** iniciou o seu processo de internacionalização há quase 20 anos, ou seja, praticamente logo após a sua fundação. De facto, desde há mais de 15 anos que contamos com clientes localizados nos 5 continentes.
Nestes últimos anos – e face às exigências de competitividade agudizadas pela crise global desencadeada em 2008 – a **philos** reforçou, por diversos meios, a sua aposta nos mercados internacionais, intensificando também a sua participação nos principais eventos do mundo da tradução e da localização.
A aposta provou-se correta e permitiu-nos alargar o nosso portefólio com novos clientes que confiam nos padrões de qualidade, de rigor e de ética da **philos**.

Perante os resultados do exercício de 2014, o Sílvio Oliveira teria, sem dúvida, a maior satisfação em assinar este texto.
Assim, permitam-me que seja, também, em sua memória, que aqui faça questão de congratular-me com os resultados obtidos e agradecer a todos os que para eles contribuíram.
O ano de 2015 aí está, é o nosso novo desafio – e já começou!

The year 2014 was a positive one for **philos** with its business volume far exceeding forecasts.
This certainly has not happened by chance. At a time when the need for companies to take a global approach to their business is discussed more than ever, it is pertinent to remember that **philos** began its internationalisation process almost 20 years ago; in other words, straight after its foundation. Indeed, we have had clients based in the five continents for more than 15 years.
In recent years, in view of the demands caused by the fierce competition, accentuated by the global crisis that began in 2008, **philos** redoubled its efforts to make inroads in the international marketplace, also intensifying its participation in the main events in the world of translation and localisation.
It has proved to be a prudent policy and has allowed us to broaden our portfolio with new clients who trust the highest standards of quality, thoroughness and ethics that **philos** puts into every project.

Given the results of the financial year of 2014, Sílvio Oliveira would undoubtedly have been extremely happy to undersign this text.
Hence, allow me, in his memory, to make a point of congratulating ourselves with the results obtained and thanking everybody who has contributed to obtaining them.
The year 2015 is upon us and with it comes new challenges – let's meet them head on!

Margarida Fonseca Silva
(Managing Partner)

magazinephilos

Fundador :: Founder
Sílvio Oliveira

Editor :: Editor
Margarida Fonseca Silva

Textos :: Texts
philos

Colaboração especial :: Special collaboration
Carlos Castilho Pais

Versão inglesa :: English version
Thomas Kundert

Design
Vitor Silva

Fotografia :: Photos
philos
Sílvio Oliveira
(Álbum de fotografias :: Photo Album)

Publicação :: Publisher
philos - comunicação global, lda

WWW.PHILOS.PT

ISSN - 2182-1550

Esta publicação bilingue, de distribuição gratuita, é exclusivamente eletrónica e destinada ao universo dos nossos parceiros comerciais.

This bilingual publication is delivered free, by electronic means only and to our business partners.

Aos encontrões...
A bumpy ride...

Paula Pires
-Quality Manager-

Não, não vou falar das notícias do universo local ou global, por mais encontrões com que elas nos brindem diariamente. Já sabemos que, nos tempos que correm, andamos, cada vez mais, aos encontrões... Ora, assim sendo, não precisaríamos de erros gramaticais para acentuar esta desagradável faceta humana. Mas, a verdade é que os encontramos, todos os dias, a todas as horas e a todos os níveis: em público e em privado, na cena mediática e política, nos *blogs*, nos *chats*, nos sites...
Por isso, é mesmo de gramática que vou falar – da massacrada gramática da nossa bem-amada língua portuguesa.
De vez em quando, há "modas" no modo de falar (e escrever) que se propagam como a gripe. São as "modas" que vão de encontro à gramática, ou seja, que vão contra a gramática e que, portanto, não vão ao encontro das regras gramaticais.
Isso mesmo: em português, devemos ir ao encontro do que está estabelecido nos bons preceitos gramaticais – e não de encontro ao que em bom português deve dizer-se.

Já agora, note-se que eu escrevi, mais acima no texto: "... que se propagam como a gripe" – e não, "... que propagam-se como a gripe". Esta é outra "praga" que nos atormenta de tal maneira que não posso deixar de aqui a referir, na sequência do que já outras vezes fizemos neste Magazine e do que igualmente consta, desde há vários anos, no Guia de Estilo de Português da **philos**.
Infelizmente, a situação tem-se agravado de tal modo que os nossos ouvidos passaram a ser quotidianamente arranhados com frases como: "ocorreu algo que verifica-se que atormenta-nos de tal maneira" (em vez de "que se verifica que nos atormenta...).

Exemplos:

Errado	Correcto
1 - É neste caso que verifica-se maior confusão	É neste caso que se verifica maior confusão
2 - Ou activa-se o primeiro botão, ou o último	Ou se activa o primeiro botão, ou o último
3 – Verifique se o LED acende-se	Verifique se o LED se acende
4 – Ambos os botões activam-se	Ambos os botões se activam

De resto, basta consultar o Ciberdúvidas, ou qualquer boa gramática da língua portuguesa, e ver o que lá se diz sobre "**pronomes clíticos**" e "**pronomes átonos**".

Isto, claro, se não quisermos andar aos encontrões no que à nossa língua diz respeito, que o mesmo será dizer, se não quisermos dar (mais) pontapés na gramática...

No, I'm not going to talk about news from the local or global world, no matter how many bumps they gift us with every day. We are well aware that nowadays we have to deal with an ever increasingly bumpy ride. As such, the last thing we need are grammatical mistakes that only accentuate this disagreeable human facet. But the truth of the matter is we find them every day, all day long at all levels of society: in public and in private, in the media and in politics, in blogs, in chatrooms, in websites...
Therefore, today's subject is grammar – the way our much loved Portuguese language is being torn apart in grammatical terms.
From time to time "fads" appear in ways of speaking (and writing) that spread like wild fire. It is these "fads" that bump head-on into grammar, or to put it another way, which go against grammar and therefore do not abide with the grammatical rules.
It is just that: in Portuguese we should abide with (ir ao encontro) what is established in good grammatical practice – and not bump against (ir de encontro) what should be clearly stated in good Portuguese.

You no doubted noticed that I wrote above: "... que se propagam como a gripe" (that spread like wild fire), and not, "... que propagam-se como a gripe". I cannot fail to mention this other "plague" that torments us, as another common mistake we have pointed out before in this Magazine, and over several years in the **philos** Portuguese Style Guide as well.
Unfortunately, the situation has got worse, so much so that sentences such as the following grate on one's ears almost on a daily basis: "ocorreu algo que verifica-se que atormenta-nos de tal maneira" (instead of "que se verifica que nos atormenta...).
(Please see further examples given in the Portuguese text.)

For a more comprehensive approach, just take a look at Ciberdúvidas (http://www.ciberduvidas.com/) or any good Portuguese grammar guide and see what they say about "**pronomes clíticos**" and "**pronomes átonos**".

That is, of course, if we want to steer clear of bumps as regards our language, or to put it another way, if we don't want to kick our grammar to pieces.

Vitor Silva

Coimbra

* Luís de Camões (1524-1580)

Tradição, história e estórias confundem-se com Coimbra.

É uma das mais importantes cidades do país. Berço de vários reis, viu também nascer, em 1290, a primeira universidade portuguesa. Uma das mais antigas da Europa, foi declarada, em 2013, Património Mundial pela UNESCO, sendo o polo dinamizador da cidade e um cartão de visita para quem por lá passa. A Biblioteca Joanina, situada no pátio da Faculdade de Direito é um impressionante exemplar arquitetónico e cultural, cuja edificação remonta ao Séc. XVIII, sendo considerada uma das mais extraordinárias bibliotecas barrocas da Europa.

Mas Coimbra não é só a universidade: é uma cidade com alma construída nas suas delgadas ruas e vielas, protegida pelos seus arcos medievais que guardam estórias, algumas incontáveis, de novos e velhos, de celebrações estudantis, de lutas políticas, amores e desamores.

O vasto património histórico surpreende-nos a cada passo. O românico marca presença, um pouco por todo lado, a dizer-nos que Coimbra tem encanto desde tempos imemoriais. Não muito longe da cidade, a estação arqueológica romana de Conímbriga merece uma visita para testemunhar as ruínas de uma das maiores povoações romanas de que há vestígios em terras lusas.
Para terminar a jornada — e porque Coimbra não deixa ninguém de fora — uma visita ao Portugal dos Pequenitos é obrigatória. Mesmo para quem não viaja com petizes, é uma oportunidade única de nos sentirmos crianças outra vez!

Tradition, history and stories merge into one another in Coimbra.

It is one of Portugal's major cities. The birthplace of several kings, it also saw the birth of the first Portuguese university, in 1290, making it one of the oldest ones in Europe. In 2013 the university was declared a World Heritage site by UNESCO, and it is the fulcrum of the city and a must-see for visitors. The *Joanina* Library, located on the patio of the Law Faculty, is an impressive sample of architecture and culture, whose building dates back to the 18th century and is considered one of the most extraordinary baroque libraries in Europe.

But Coimbra is more than just its university: it is a city full of soul built on narrow streets and alleyways, protected by its medieval archways that safeguard stories, some of which cannot be told, about the young and old, student celebrations, political struggles, falling in and out of love.
Its vast historical heritage surprises us every step of the way. The Romanesque features are a constant presence, which explains the saying that Coimbra encapsulates a charm all of its own since time immemorial. A short distance from the city is the Roman archaeological site of Conímbriga, which is well worth a visit to see the ruins of one of the largest Roman villages whose vestiges remain in Portugal.

To end your programme, and because Coimbra leaves no-one out, a visit to Portugal dos Pequenitos (Portugal in miniature) cannot be forsaken. Even if travelling without children, it is a unique opportunity to revisit our childhood again!

Em português
In Portuguese

Carlos Castilho Pais
[professor universitário :: university professor]

O mito de Babel faz parte da cultura geral de qualquer tradutor. Babel continua a dar que pensar. Na Teoria da Tradução, é ponto de passagem obrigatória após a célebre obra de George Steiner - *After Babel*.

É ainda em relação a Babel que podem ser analisados, nos dias de hoje, muitos estrangeirismos, ou, como se queira, um conjunto de decalques que, graças à tradução e não só, vai entrando em todas as línguas do mundo. Renasce, assim, Babel, nas palavras que designam e significam a mesma coisa para todos os habitantes do planeta.

Muitos exemplos poderiam ser dados. O campo da informática é fértil nestes exemplos. Quem é que ainda não foi obrigado a apagar do seu correio eletrónico uma mensagem que, de remetente conhecido ou desconhecido, era um autêntico SPAM? Coisa perigosa, que pode até passar despercebida ao melhor antivírus. Escolho o termo, porque ele, do ponto de vista da pragmática, é muito interessante. Ele não diz apenas um significado; ele obriga à ação qualquer ser humano, em qualquer parte do mundo. Ele transporta uma ordem – a ordem para apagar. E, veja-se a sua diferença, precisamente com o termo que acabo de empregar – 'apagar'. *Delete* também se ouve muito, mas não teve a fortuna do *spam*.

Advirá algum mal ao mundo com o regresso de Babel? Até aqui, este tipo de fenómenos não foi responsável pelo desaparecimento das línguas, que continuam diversas, apesar de tudo. Não sabemos como será no futuro.

Alguns 'teóricos' têm aproximado Babel ao conjunto dos castigos infligidos por deus aos homens, quando desobedeceram aos seus desígnios. Deus castigou em Sodoma e Gomorra, como castigou em Babel. Mas os tempos eram outros e os deuses também. Foi um bem para a tradução. Sem a diversidade linguística, que se seguiu ao castigo divino, não existiria a tradução.

Quantas vezes os homens se revoltaram contra os deuses! No quadro do mito, o regresso a uma só língua pode compreender-se enquanto revolta. Ao tornar-se efetivo, o seu regresso significaria uma calamidade. Maior do que qualquer castigo, vindo de um deus qualquer. Por isso, vale a pena estar atento ao SPAM e refletir sobre este e outros fenómenos semelhantes.

The Tower of Babel myth is a well-known piece of general knowledge for any translator. Babel continues to make us think. In Translation Theory, the questions it raises are a must for study in the wake of George Steiner's celebrated book, *After Babel*.

It is also in relation to Babel that one may today analyse many imported foreign words, or if you prefer, a set of transfers that, thanks to translation and other aspects, have gradually entered into all the world's languages. The Babel Tower therefore has been reborn, through the words that have the same meaning for all the planet's inhabitants.

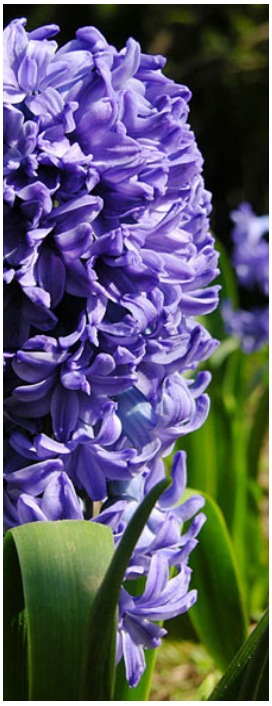
Many examples can be given. The IT field is fertile in such examples. We all face the task of deleting from our e-mail box a message sent from a known or unknown source that was authentic SPAM. This dangerous menace can find its way through the best of antivirus defences. I chose this term because from the pragmatic point of view it is very interesting. It is not only a meaning; it forces the human being into action, wherever they are in the world. It transports an order – the order to delete. And notice the difference precisely in the word I just used: 'delete'. Delete is also a commonly heard term, but it did not have the same fortune as *spam*.

Does the return of Babel spell trouble for the world? So far, this kind of phenomenon has not been responsible for the disappearance of languages, which continue to thrive in their diverse forms, despite everything. We do not know what the future holds.

Some 'theorists' have associated Babel to the set of punishments inflicted by God on mankind, when they disobey his designs. God punished Sodom and Gomorrah, like he punished Babel. But those were other times, and other Gods. It was a blessing for translation. Without such linguistic diversity, which was a consequence of the divine punishment, there would be no such thing as translation.

How often have we seen mankind rise up against the Gods! With respect to the myth, the return of a single language can be viewed as a rebellion. If it becomes reality, its return would be a calamity, greater than any punishment, imposed by any God. Therefore, it's worth paying attention to SPAM and reflecting on this and other similar phenomena.

Gosta de flores?
Are you a flower fan?



Hyacinthus orientalis é o jacinto, cujas delicadas flores podemos admirar e que nos surpreendem pela sua extrema beleza e perfume intenso.
Despontam no fim do inverno, anunciando a primavera ainda um pouco antes das tulipas. Tal como estas, são provenientes de bolbos que devem ser retirados da terra e guardados no fim da floração, voltando a ser plantados no outono.
As flores agrupam-se em cachos cilíndricos e exibem cores variadas de tonalidades fortes.
Por serem tão delicados, os jacintos são frequentemente plantados em vaso, mas o seu colorido atinge efeitos mais exuberantes quando plantados em jardins e organizados por cores em extensos maciços.
Na mitologia grega, a planta representa um jovem por quem Apolo se terá apaixonado, mas que Zefir, o deus do vento, por ciúme terá feito assassinar. Nada que nos surpreenda, afinal, nas "telenovelas" da humanidade...

Hyacinthus orientalis is the scientific name of the hyacinth, whose delicate flowers are admired because of their outstanding beauty and intense scent.
They bloom at the end of winter, announcing spring a short while before the tulips. Like tulips, they shoot from bulbs which should be taken from the soil and stored at the end of the flowering period, and replanted in autumn.
The flowers group together in cylindrical bunches and are of a variety of strident colours.
As extremely delicate plants, hyacinths are often planted in vases, but the magnificent exuberance of their colours are best on display when planted in gardens and organised into sets of colours in large flowerbeds.
In Greek mythology, the plant represented a young man who Apollo fell in love with, but who Zephyr, the Wind God, ordered to be assassinated in a fit of jealousy. Nothing surprising, at the end of the day, in the "soap opera" of mankind.

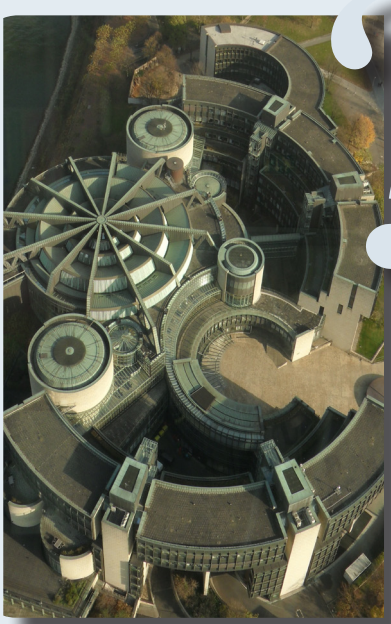
JacintoHyacinth

XOQO
HAUTE XOQOLATERIE
http://www.facebook.com/xoqomaia

Passatempo For FUN

Este impressionante edifício é sede de importantes decisões e discussões. Sabe o que é e em que cidade se encontra?

This impressive building is the headquarters of an organisation where major decisions and discussions take place.
What city is it located in?



Edição anterior Last Issue

Na última edição, lamentamos dizer, ninguém acertou. Aqui fica, então, a resposta certa: Nicolau Maquiavel - Florença.

Sorry to say, but nobody got the correct answer in the previous issue, which was: Niccolò Machiavelli - Florence.

Cenas de Caça?
Hunting Scenes?

Dom Biralbo da Porta do Olival

Hoje tenho mesmo que desabafar convosco, e urgentemente, antes que me dê uma coisinha má!

Há mais dois habitantes aqui nas Leiras. Cachorrinhos? – perguntará o leitor incauto.

Nada disso, aliás, já basta o meu filhote para me roubar o lugar no sofá!

Trata-se, imaginem só, de sua excelência um Pato-real (*Anas platyrhynchos*, de sua científica graça) acompanhado de sua dama. Exatamente: um casal de patos selvagens que, não sei por que mágicas artes, vieram acampar aqui e passam a vida a pavonear-se dentro do nosso lago, em frente do meu nariz!

Querem maior provocação?

Francamente, isto não se faz a um perdigueiro de nobre raça como eu! Sim, porque, quando eles aterraram aqui, o meu apuradíssimo olfato disse-me logo que, mais dia menos dia, eu ia ter um pratinho de caça digno do meu pedigree... Só que alguém se lembrou de pôr uma vedação à volta do lago, vejam lá a minha pouca sorte! Agora, o senhor Pato-real e sua real dama, não se contentando em exibir no lago as suas acrobacias, têm o desplante de vir junto da vedação interpelar-me com os seus irritantes "quá-quá-quá"!!!

Diz a minha dona que não aprecia cenas de caça, azar o meu!

Mas, sinceramente, eu acho que ela anda muito distraída, porque, entre os humanos, as cenas de caça são mais sofisticadas... Ao que me consta, os humanos não rosnam: alguns, sorriem como se estivessem a abanar a cauda e, depois, mordem pela calada!

Today I really need to get something off my belly with you, and urgently, before something very bad happens to me!

Two new inhabitants have come onto the scene here in Leiras. "Puppies?" the unsuspecting reader may ask. Nothing of the sort. Indeed, my son alone is enough to steal my place on the sofá!

It is, would you imagine, his excellency a Mallard (*Anas platyrhynchos*, to give it its scientific name) along with his other half. Exactly: a couple of wild ducks that, I'm not sure through what kind of dark magic, have landed here and who spend the whole time strutting around inside our lake under my very nose!

Is it nothing short of provocation?

Frankly, this is no way to treat a pointer of noble race such as I! As soon as they landed here my finely tuned sense of smell told me that one of these days I would be savouring a freshly hunted dish becoming of my pedigree. Then someone had the bright idea to put a fence around the lake, meaning I was clean out of luck! Now Mr. Mullard and his lady wife are not content to simply show off their acrobatic skills on the lake, they even have the nerve to swim next to the fence and goad me with their irritating "quack-quack-quacks"!!!

My master says she does not like hunting scenes, much to my chagrin!

But to be honest I believe she is not thinking straight, because among human beings the hunting scenes are more sophisticated. I'm told that humans don't growl: some smile as if they were wagging their tail, and then bite silently and slyly!

An Englishman in Lisbon
Um inglês em Lisboa

Thomas Kundert

Living in Lisbon
Viver em Lisboa

"It's tough being a *Lisboeta* (Lisbon dweller)," was the answer given by an anonymous citizen on the TV news the other day, in response to the reporter's question about what the future holds for Portugal in the wake of the latest political turmoil in Greece.

The opinion was quickly qualified with a list of laments explaining why living in any other city or any other country would be a thousand times better: no decent jobs available, the ever more expensive cost of living, the lack of a civil attitude among the city's population, chaotic traffic and so on, are oft repeated complaints.

Now I'm not about to argue that living in Lisbon is paradise in every respect – although personally I believe it's closer to paradise than to hell – but I'm convinced the opinion passionately articulated, an opinion widely shared, says more about the attitude of the people who express it than the actual reality.

Earning a decent living is indeed difficult in Lisbon, and in Portugal as a whole, and people are within their rights to expect more and demand better from the national and local leaders, who seem to prioritise looking after their own interests over their mandate of serving the community at large. I can't help suspecting, however, that it is precisely those who complain the most who do the least to help themselves.

As for the cost of living, lack of a civil attitude and chaotic traffic, such issues are not the sole preserve of Portugal. They are typical characteristics of all cities in the modern world, the only difference being that the magnitude of such problems is certainly far worse in the vast majority of these other cities.

It is always easier to find fault in one's circumstances than to focus on the benefits, even for people living in Lisbon, one of the most beautiful and safest cities in the world, with a mild climate all year round, wonderful cuisine and marvellous beaches on its doorstep.

How many other European capitals can boast such luxury? Is it really such a torment living in Lisbon? I beg to differ.

"É difícil ser lisboeta", disse, um dia destes, um cidadão anónimo nas notícias da TV, em resposta à questão colocada por um repórter sobre o que o futuro reservará a Portugal à luz da recente turbulência política na Grécia.

A opinião foi de imediato seguida de um coro de lamentações aduzindo as razões por que seria mil vezes melhor viver em qualquer outra cidade ou país: falta de empregos adequados, o custo de vida cada vez mais elevado, falta de civismo por parte de alguma população da cidade, um tráfego caótico e por aí adiante, enfim, as queixas habituais.

Não vou aqui dizer que viver em Lisboa é, em todos os aspetos, viver no paraíso – embora, pessoalmente, me pareça estar a cidade mais perto do paraíso do que do inferno – mas estou convencido de que aquela opinião tão apaixonadamente defendida e, de resto, largamente partilhada, diz muito mais acerca da atitude de quem a expressa do que, de facto, da realidade.

Ter um rendimento que permita uma vida decente é, sem dúvida, difícil em Lisboa, e em Portugal no seu todo, e as pessoas têm direito a esperar e a exigir mais dos seus governantes e autarcas, os quais parecem ter como prioridade defender os seus próprios interesses em vez de servir a comunidade em geral. Não deixo, porém, de interrrogar-me se não serão justamente aqueles que mais se queixam, os que menos fazem para resolver os seus problemas.

Quanto ao custo de vida, falta de civismo e tráfego caótico, não são exclusivos de Portugal. São característicos de todas as cidades do mundo moderno, sendo a única diferença que a magnitude dos problemas é certamente bem mais flagrante na grande maioria dessas cidades.

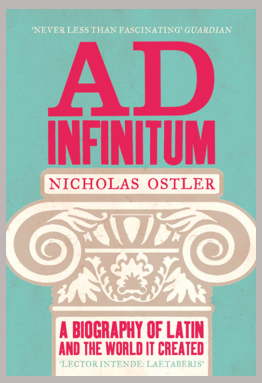
É sempre mais fácil falar dos defeitos e esquecer as virtudes, mesmo para quem vive em Lisboa, uma das mais belas e seguras cidades do mundo, com um clima temperado ao longo de todo o ano, esplêndida gastronomia e praias maravilhosas a dois passos da porta.

Quantas outras capitais europeias podem dar-se a esse luxo? Será que é realmente assim tão duro viver em Lisboa? Permito-me discordar.■

Nelson Loureiro

Nicholas Ostler

AD INFINITVM
Uma Biografia do Latim* / A Biography of Latin



"Maquiavel acreditava que fora a sobrevivência do Latim que havia permitido preservar em grande parte a memória detalhada da Roma pré-Cristã, apesar do óbvio interesse da Igreja em que ela fosse esquecida. [...] O princípio fundamental do pensamento de Maquiavel mantém-se intacto: a sobrevivência das línguas torna mais fácil alimentar e preservar tradições de conhecimento; já a sua perda torna muito mais fácil que essas tradições sejam dissipadas no esquecimento."

Alarguemos, então, este pensamento, e talvez cheguemos à conclusão de que a nossa civilização, dita *ocidental*, sendo herdeira da greco-romana, só existe tal como hoje a conhecemos porque o latim sobreviveu tempo suficiente. Não necessariamente enquanto veículo de transmissão intergeracional de um conhecimento imutável, mas sim como superestrutura em que um conjunto de valores culturais (filosóficos, políticos, religiosos, estéticos, etc.) pôde amadurecer e evoluir com naturalidade, até se tornar fundamento civilizacional dos povos que ocupavam as antigas fronteiras do Império Romano, e, mais tarde, de outros continentes por estes recriados. Assim sendo, balizar a vida útil da língua latina entre o início da ascensão romana e o advento do registo impresso dos vernáculos talvez seja redutor. Parafraseando um autor pródigo em aforismos: as notícias da morte do latim parecem-nos claramente exageradas.

Há, porém, uma outra ilação que importa retirar desta obra: durante séculos, os que recorriam ao Latim tiveram a tendência para ver o seu mundo como o único que contava. Neste século cada vez mais conturbado, onde a cacofonia vai imperando, urge relaxar e falar pausadamente. Talvez, assim, toda a gente compreenda os benefícios de que se fala, em vez de nos deixarmos levar por uma fatídica conversa de surdos...

* *Não editado em Portugal*

"Machiavelli had believed that it was the survival of Latin that had preserved large-scale and detailed memory of pre-Christian Rome, in the face of the Church's clear interest that it should be forgotten. [...] Machiavelli's fundamental point still stands. Languages, if they survive, make it easier to foster and preserve traditions of knowledge; loss of languages makes it far easier to dissipate them."

By broadening this argument we may perhaps arrive at the conclusion that our so-called *western* civilisation, as the heir of the Greco-Roman world, only exists as we know it today because Latin survived long enough. Not necessarily as a vehicle for intergenerational transmittal of unchangeable knowledge, but rather in which a set of cultural values (philosophical, political, religious, aesthetic, etc.) could mature and evolve naturally, until they became the civilizational foundation of the populations living within the former borders of the Roman Empire, and later of other continents recreated by these peoples. Therefore, categorising the lifespan of the Latin language between the start of the rise of the Roman Empire and the advent of the printed word of the vernaculars is perhaps too simplistic. To paraphrase a prodigious author of aphorisms: news of the death of Latin appear clearly exaggerated to us.

There is, however, another lesson that should be learned from this book: for centuries, those who used Latin tended to see their world as the only one that mattered. In this increasingly tumultuous century, where the cacophony rules over all else, it is urgent to relax and speak prudently. Maybe as such everybody will understand the benefits of what is said, instead of letting ourselves be swept away by a fateful conversation among the deaf...

* *Not published in Portugal*

Poemas de Vida

este livro. passa um dedo pela página, sente o papel
como se sentisses a pele do meu corpo, o meu rosto.

este livro tem palavras. esquece as palavras por
momentos. o que temos para dizer não pode ser dito.

sente o peso deste livro. o peso da minha mão sobre
a tua. damos as mãos quando seguras este livro.

não me perguntes quem sou. não me perguntes nada.
eu não sei responder a todas as perguntas do mundo.

pousa os lábios sobre a página. pousa os lábios sobre
o papel. devagar, muito devagar. vamos beijar-nos.

Life Poems

this book. pass a finger over the page, feel the paper
as if feeling the skin of my body, my face.

this book has words. forget the words for a
moment. what we have to say cannot be said.

feel the weight of this book. the weight of my hand
on yours. we hold hands when you hold this book.

don't ask me who I am. don't ask me anything.
i don't know how to answer all the questions of the
world.

put your lips on the page. put your lips on
the paper. slowly, very slowly. we shall kiss.

José Luís Peixoto *

Poemas de Vida ❁ Lifetime Poems

* **José Luís Peixoto (1974-)**, nascido em Galveias, é conhecido sobretudo pela sua obra romanesca, embora tenha igualmente publicado poesia, prosa infantil, contos, ou trabalhado em dramaturgia, além de ser presença assídua, enquanto cronista, em diversas publicações periódicas. Representante da geração pós-25 de Abril que hoje domina a cena literária portuguesa, a sua poética aproxima-se, no entanto, de uma linhagem sentimental bem característica.

José Luís Peixoto (1974-), born in Galveias, is known above all as a novelist, although he has also published poetry, children's stories and worked as a playwright, as well as being a prolific columnist in several periodic publications. Although a representative of the post-25 April generation that today dominates the Portuguese literary scene, his poetry is closer to a characteristic sentimental lineage.

Não poupemos no latim...

Spare no Latin...

Artur Semedo

A evolução humana, o sedentarismo, o nomadismo de recolectores e caçadores, caçadas, safaris pelas savanas, savanas de África, mãe-África, terra-mãe! Mãe, berço, canções de embalar entoadas na língua materna, a língua portuguesa, gostosa, como só ela pode ser no seu tempero africano, meu deus, África...

Assomou-me à mente este pastiche das típicas falas da personagem Carlos Filinto Botelho, paródia de Herman José ao entretanto falecido Carlos Pinto Coelho, não apenas pelo hábito recorrente de leitura da edição passada, mas sobretudo por ter tido a oportunidade, por motivos que agora não importam, de ler em primeira mão a breve nótula sobre a biografia desse Latim que, hoje, depurado (ou deturpado) pelos séculos, vertemos em língua portuguesa. Interessantes, sem dúvida, as questões relativas ao valor das línguas. Tal como são, decerto, valiosos os interesses a elas associados.

Num mundo globalizado, em que não restam mais continentes que descobrir, não há espaço para autarquias, incluindo linguísticas. Mesmo as maiores potências precisam de falar e ouvir, de entender e serem entendidas. É por isso natural que, nesta babel planetária, os representantes das línguas, sobretudo das mais disseminadas, se digladiem pela conquista de um espaço vital em que a sua se torne a língua franca, veículo de comunicação, suporte de contactos e contratos.

Ora bem, estávamos pois nisto, e rapidamente saltámos para África, continente prístino onde tudo parece poder acontecer, mesmo que sem razão manifesta. Não é, por isso, absolutamente estranho que uma ex-colónia portuguesa se tenha tornado membro da Commonwealth. Tal como não parece ter causado demasiada estranheza que, no ano passado, a Guiné Equatorial ascendesse do estatuto de observador à posição de membro permanente da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. É certo que, desde os idos do século XV até ao estertor da monarquia, se identificaram os reis de Portugal, cultores da prosápia, como *senhores da G[u]iné* e da Conquista, mas talvez fosse melhor refletir um pouco sobre mais esta conquista para o seio daquele que se consideraria o conselho maior da defesa da língua lusitana no mundo.

Deve a CPLP funcionar com base nos laços históricos e linguísticos que unem diversos pontos do mundo, ou, ao invés, funcionar como plataforma para futuros laços económicos, ainda que com países que parecem não ter observado a fundo certos valores maioritariamente partilhados pelos seus membros? Ou, talvez, e isso é o ponto mais pungente, o que realmente faz falta seja lutar para que esta maioria se torne num verdadeiro consenso.

Human evolution, sedentary lifestyles, the nomadism of gatherers and hunters, the hunted, safaris through the savannahs, Africa's savannahs, mother Africa, motherland! Mother, cradle, lullabies sung in mother tongue, the Portuguese language, delicious, as only it can be with its African seasoning, my God, Africa...

This typical extract uttered by the character Carlos Filinto Botelho, Herman José's parody of the meanwhile deceased Carlos Pinto Coelho, flashed into my mind, not only because of my common habit of reading the last issue, but above all because I had the chance, for reasons not worth going into here, to read first-hand the current edition's brief overview about the biography of this Latin which today, purified (or distorted) by the centuries, has led to the Portuguese language. It is without doubt interesting to ponder on questions regarding the value of the languages. Just like the interests linked to them are equally worthy of analysis.

In a globalised world, where there are no more continents to discover, there is no room for autarkies, including of the linguistic variety. Even the biggest powers need to speak and be listened to. It is therefore natural that, in this planetary Babel tower, the representatives of the languages, especially the most widely disseminated ones, fight to conquer the vital sphere of making their language the lingua franca, the means of communication employed to make contacts and contracts.

We were pontificating on this, and quickly we jumped to Africa, the pristine continent where it seems anything can happen, even if there is no obvious reason for it. It is therefore not completely out of the ordinary that a former Portuguese colony has become a member of the Commonwealth. Just like it did not cause much fuss when, last year, Equatorial Guinea saw its status promoted from observer to a permanent member of the Community of Portuguese Speaking Countries (CPLP). It may be so that since the far-off 15th century until the death throes of the monarchy, the kings of Portugal, cultivators of verbiage, were seen as lords of *G[u]iné and Conquering*, but perhaps it would be better to reflect for a while on this new conquest for the epicentre of what can be considered the world's major council for the defence of the Portuguese language.

Should the CPLP base its operations on historical and linguistic ties that unite different points of the world, or should it instead act as a platform to build future economic ties, even embracing countries that appear uninterested in abiding by certain values shared by the majority of its members? Maybe this is the most pungent point; what really should be focused on is the struggle to turn this majority into a true consensus.

Skype, chega de publicidade!
Skype, enough of advertising!

Ricardo Fernandes

Voltando um pouco atrás no tempo e ao que diz respeito a aplicações de conversação gratuitas, recordo com alguma saudade as primeiras versões do Skype, quando a publicidade não existia e a aplicação corria leve e estável. Há poucos anos, a Microsoft adquiriu o Skype e fez, naturalmente, dele a sua principal ferramenta de conversação online gratuita, tendo vindo a melhorar o seu desempenho a cada atualização . Porém, a publicidade que ele inclui, além de constante, torna-se muitas vezes desagradável e intrusiva. Assim, nada como um pequeno guia sobre como deixar o Skype bem mais leve e centrado no que realmente interessa, a conversação.

Considerando as versões mais recentes e um sistema Windows, é então necessário seguir estes passos:

Delving a little way back in time and with regard to free chat applications, I fondly remember the first versions of Skype, when there was still no advertising and the application was light and stable. A few years ago Microsoft bought Skype and, naturally, made it its principal online chat tool, bringing about improvements in its performance with every update. However, the advertising that has been introduced, as well as constant, is often irritating and intrusive. Hence, nothing like a small guide about how to make Skype much lighter and focused on what really matters: the conversation.

In view of the most recent versions and a Windows system, the following steps should be taken:

1

Menu **Ferramentas**, ir a **Opções**. No separador lateral, selecionar **Definições de privacidade**. Depois, se ainda não estiverem visíveis as **opções avançadas**, selecionar para as ver e retirar de seguida o visto da opção "Permitir anúncios segmentados da Microsoft...".

On the **Tools** menu go to **Options**. On the side tab select **Privacy Definitions**. Afterwards, if the **advanced options** are not yet visible, select the option to see them, and then remove the option "Allow Microsoft segmented advertisements...".

2

No Windows, ir a **Painel de Controlo**, depois **Rede e Internet** clicar em **Opções de Internet** para aceder à janela de **Propriedades da Internet**. Nesta janela, escolher o separador **Segurança**, depois **Sites Restritos** e clicar de seguida em **Sites**.

In Windows, go to the **Control Panel**, then **Network and Internet** and click on **Internet Options** to open the **Internet Properties** window. In this window, choose the **Security tab**, then **Restricted Sites** and then click on **Sites**.

3

Depois de aberta a janela **Sites restritos**, vamos adicionar o endereço Web da publicidade do Skype para que o mesmo seja bloqueado: **https://apps.skype.com**

After opening the **Restricted Sites** window, we then add the Skype advertising web address in order to block it: **https://apps.skype.com**

Concluídas estas operações, é necessário então reiniciar o programa para que as mesmas façam efeito.
E pronto, com este procedimento simples, garantimos uma utilização mais leve e rápida do Skype.

Boas conversas!

After carrying out these operations, one has to restart the program for the options to come into effect.
And there you have it! With this simple procedure you are guaranteed a lighter and faster Skype.

Happy chatting!

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS

É um pensamento de Gabriel Garcia Marquez que desta vez dedicamos ao Sílvio Oliveira e às fotografias com que foi fixando a vida no álbum que nos deixou.
"A vida de uma pessoa não é o que lhe acontece, mas aquilo que recorda e a maneira como o recorda."
Garcia Marquez morreu em 17 de abril do ano passado, justamente um dia antes de o Sílvio ter partido para sempre.

Today, we open these pages with the words of Gabriel Garcia Marquez, which we dedicate to Sílvio Oliveira and the photographs capturing life moments in the album he left us.
"The life of a person is not what happens to him, but what he remembers and how he remembers it."
Garcia Marquez died on 17 April last year, precisely one day before Sílvio left us forever.■

PHOTO ALBUM

Fernando Nogueira

Boyhood

Boyhood é um filme americano de 2014 sobre o crescimento e a passagem à idade adulta, escrito e realizado por Richard Linklater, com Patricia Arquette, Ellar Coltrane, Lorelei Linklater e Ethan Hawke. Filmado intermitentemente durante um período de 12 anos, entre 2002 e 2014, Boyhood retrata a adolescência de Mason Evans, Jr. (Coltrane) dos seis aos dezoito anos, enquanto cresce no Texas, com os pais divorciados (Arquette e Hawke). A filha de Richard Linklater, Lorelei, interpreta a irmã de Mason, Samantha.

O projeto começou a ser filmado sem um argumento completo, inicialmente apenas com pontos básicos do enredo e o final escrito. Linklater desenvolveu o argumento durante a produção, escrevendo a parte do filme do ano seguinte depois de voltar a ver as filmagens do ano anterior. Incorporou as alterações que ia vendo em cada ator no argumento, enquanto permitia a todos os atores principais participarem no processo de escrita, ao integrarem as suas experiências de vida nas histórias dos seus personagens.

Boyhood estreou no Festival de Cinema Sundance de 2014. O filme também concorreu na secção de concurso principal do 64º Festival de Cinema Internacional de Berlim, no qual Linklater venceu o Urso de Prata para Melhor Realizador. Foi considerado um filme marcante por muitos críticos notáveis, que louvaram a realização, ingenuidade e abrangência. O filme foi nomeado para cinco Prémios Golden Globe, vencendo o de Melhor Filme, na categoria de Drama, Melhor Realizador e Melhor Atriz Secundária para Arquette. Também recebeu seis nomeações para os Óscares da Academia incluindo Melhor Filme, Melhor Realização e Melhor Atriz Secundária para Arquette, que também venceu.

Boyhood is a 2014 American coming-of-age drama film, written and directed by Richard Linklater, and starring Patricia Arquette, Ellar Coltrane, Lorelei Linklater and Ethan Hawke. Shot intermittently over the course of a 12-year period from 2002 to 2014, Boyhood depicts the adolescence of Mason Evans, Jr. (Coltrane) from the age of six to eighteen as he grows up in Texas with divorced parents (Arquette and Hawke). Richard Linklater's daughter Lorelei plays Mason's sister, Samantha.

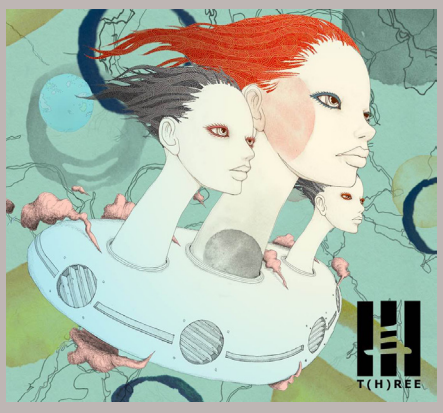
Filming of the project began without a finished script, with only basic plot points and the ending written. Linklater worked on the script throughout production, writing following year's portion of the film after re-watching the previous year's footage. He incorporated changes he saw in each actor into the script, while also allowing all the major actors to participate in the writing process by incorporating their life experiences into their characters' stories.

Boyhood premiered at the 2014 Sundance Film Festival. The film also competed in the main competition section of the 64th Berlin International Film Festival, where Linklater won the Silver Bear for Best Director. It was declared a landmark film by many notable critics who praised its direction, acting, ingenuity and scope. The film was nominated for five Golden Globe Awards, winning Best Motion Picture – Drama, Best Director, and Best Supporting Actress for Arquette's role. It also received six Academy Award nominations including Best Picture and Best Director, and Arquette won the Oscar for Best Supporting Actress.

T(h)ree

T(h)ree é um projecto musical que junta, em estúdio e em palco, músicos contemporâneos portugueses e asiáticos. Este projecto nasceu sob o desígnio do diálogo puro, sem barreiras, na mistura de processos criativos, sonoridades e diferentes formas de fazer música.

Depois de dois álbuns e inúmeros concertos dados em vários pontos do globo, que envolveram dezenas de músicos de Hong Kong, Macau, Singapura e Filipinas, é chegado o lançamento do terceiro volume da série, desta vez com músicos japoneses e coreanos a juntarem-se a portugueses para inúmeras e únicas parcerias musicais.



T(h)ree is a musical project that brings together Portuguese and Asian contemporary musicians, both in the studio and on stage. The project was born out of the desire for pure unrestrained dialogue, mixing creative processes, sounds and different ways of making music.

After two albums and countless concerts around the world, which involved many musicians from Hong Kong, Macao, Singapore and the Philippines, the moment has come to release the third volume in this series, this time with Japanese and Korean musicians working alongside Portuguese musicians resulting in unique musical collaborations.

CD 1
- Um Último Beijo – Mão Morta + Soo Jung Kae + Sachiko Fukuoka
- Hole in the Morning – Paulo Pedro Goncalves
- Hole in our Hearts – Marcos Fernandes + Chu Makino
- Glossolalia – shhh...
- Spin – Telectu
- Not Just Me – Hidekazu Wakabayashi + Jyunetica
- I'm Just Another One Trying to Understand Everything – Noiserv
- Alive – Tengger + Filho da Mãe
- E Tudo Se Passou na Casa da India – Os Capitães da Areia
- Mr. Bomb Gets a Shotgun – Tora Brava
- Kids – Stereoboy
- Seoul – Yukari
- In a Heart of Jade – Yoshihiro Kikushi + Abuka + Sci Fi Industries
- Mosquitos – !Calhau!
- City One – Tó Trips
- Algo Maior – Vicente Palma
- Kamakura – Hiroshi Hasegawa

CD 2
- From the earth – Nuno Rebelo + Gamin + Woonjung Sim
- Hmmgrrdrrr – Yoko Arai
- Beauty in Solitude – Gil Dionisio + Toshiji Mikawa
- Wozzeck – Tiago Sousa
- Estrutura Magnetica – Bizarra Locomotiva
- The Fusion of Three – Contagious Orgasm + Tocâ Rufar
- Evolution – Ninano Nanda + A.M.O.R. + Mr. Koochi
- Calling – Tyme + Kota Arai + Kyokka Okubo

CD 3
- Kishimu Jidai – Motomitsu Maehara + Luis Vicente
- Once in a Lifetime – Tetuzi Akyama
- May-Awe, May-Awe – Black Bombaim + Samuel Jerónimo
- Unwant – Um Zero Amarelo
- Acacia Scent – Yamagata Tweakster
- Dança do Abandonar – O Experimentar + Ermo
- (D) – Doddodo
- Ito Okashi – Ultra3Q + PZ
- Mary Celeste – M-Pex + Calmato + Chihiro Butterfly
- In the Shade – Best Youth + Moullinex
- A Shadow Falls – Shadow Kim + Kanghee Choi + David Alves
- Lion – Guta Naki
- Ptarmigan – Tomoyuki Kanazu + 34423

Miami (II) – luz e sombra :: light and darkness

Vitor Silva

Como prometido, de volta a Miami!
Depois de uma boa dose de arquitetura e arte, partimos à descoberta de outros encantos — aqueles de que nos desviámos quando fomos seduzidos pela arte, em forma de pedras e de contornos, que o homem soube edificar e enriquecer.
Ali bem perto, na *Washington Avenue*, fomos forçados a parar. Mesmo à nossa frente, mais uma das inigualáveis obras de *Frank Gehry:* o *New World Center*. Pena foi que não pudéssemos assistir a um concerto da orquestra residente; talvez numa próxima oportunidade. Os apelos surgem a cada passo e, um pouco mais à frente, ainda tivemos tempo para espreitar o *Jackie Gleason Theater*, uma das icónicas salas do mundo do espetáculo.
Mas, desta vez, estávamos dispostos a cumprir o planeado e, minutos depois, apesar dos apelos que teimavam em nos querer reter, tínhamos chegado ao nosso destino: O Memorial do Holocausto.
Em escassos quinze minutos de caminhada, as nuvens tomaram conta do céu, como que a pressagiar o que iria ser a próxima hora. A luz deu lugar à penumbra.
O testemunho gravado na pedra, erigido em esculturas e, sobretudo, pelos nomes inscritos no *Memorial Wall* de alguns daqueles que pereceram perante a barbárie, transportou-nos a um turbilhão de emoções, sem que pudéssemos evitar as lágrimas.
Depois, recuperámos o olhar, novamente, para a citação de Ann Frank gravada na pedra: "*... in spite of everything, I still believe that people are really good at heart*" e questionámo-nos: Será?
Era tempo de partirmos em direção ao descanso, a retemperar força e espírito para um novo dia.
Bem cedo nos dirigimos ao Porto de Miami, de onde partimos para um passeio de barco e, aí sim, encontrámos o que os roteiros nos vendem e a caixa mágica nos mostra. À chegada, no Bayside Marketplace, tempo para umas tapas e fruir um pouco de música ao vivo, que sempre acontece ali, e que atrai todos, novos e velhos, em alegre convívio. O surpreendente, mesmo, é quando o músico, instado pelo seu público, se atira para a água!
Ali ao lado, no *Bayfront Park*, começava já um barulho ensurdecedor e uma mole humana dirigia-se para um concerto ao ar livre. Março é mês do *Ultra Music Festival*, o mais afamado e proclamado festival de >>

música eletrónica que traz a Miami dezenas de milhares de fãs que espalham boa disposição por onde passam – pelo menos, os que por nós passaram.
Com o dia a chegar ao fim, nada melhor do que repousar em *South Beach* e esperar que o sol se deite, mesmo ali, ao nosso lado!

As promised, a return to Miami!
After a generous dose of architecture and art, we set off in search of other delights – those that hold our attention when we are seduced by art, in the form of stone and forms, that mankind has erected and enriched.
Nearby, in *Washington Avenue*, we were forced to stop. Right in front of us we beheld another of the unparalleled works of *Frank Gehry*: the *New World Center*. We were sorry to find out we would not have the opportunity to attend a concert from the resident orchestra; maybe next time. The attractions continued every step of the way, and a little further ahead we still had time to take a peek at the *Jackie Gleason Theater*, one of the world's iconic show business venues.

But this time we were determined to stick to our plans, and minutes later, despite the many sights that stubbornly held us up, we arrived at our destination: The Holocaust Memorial.
In a brief fifteen-minute walk the sky had darkened with clouds, as if an omen of what the next hour would hold for us. The light gave way to shadows.
The testament engraved in stone, erected in sculptures, and especially the names inscribed into the *Memorial Wall* of some of those who perished in such barbarous fashion, led us on a rollercoaster of emotions in which it was impossible not to shed tears.
After composing ourselves again, we read the quotation by Ann Frank engraved in stone: "*... in spite of everything, I still believe that people are really good at heart,*" and we asked ourselves: Is it so?
It was time to leave, get some rest and recharge our energies and our spirit for another day.
Early in the morning we headed for Miami Port, from where we went on a boat trip and where we found what the guide books tell us and the goggle box shows us. Upon arrival at the Bayside Marketplace, it was time for some tapas and to enjoy a little live music, which is always on offer at that venue, and which attracts young and old alike in a cheerful setting. We were in for a surprise though when the musician, urged by his audience, leapt into the water!

>>

Next door, in *Bayfront Park*, a deafening sound arose and a throng of people shuffled towards an open-air concert. March is the month of the *Ultra Music Festival*, the most famous and proclaimed electronic music festival that brings tens of thousands of fans flocking to Miami, all set on spreading cheer and good vibes, at least judging by those who passed by us.

With the day drawing to a close, nothing better than resting on *South Beach* and waiting for the sun to set, right there besides us!■

magazinephilos

Esperamos que tenha gostado. Voltamos em junho.
Hope you have enjoyed. We will be back in June.